

# ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26\$000 e 13\$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

DR. ALFREDO BARCELLOS .	J.
CHRONICA FLUMINENSE . .	A.
TUA CULPA . . . . .	Guimaraens Passos.
COISAS MIUDAS . . . . .	Cosme Velho.
TAINÉ . . . . .	Cosimo.
SONHANDO . . . . .	Bernardo de Oliveira.
A COSINHEIRA . . . . .	Arthur Azevedo.
BEXIGOSA . . . . .	Arthur Mendes.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

**ABDON MILANEZ**

## DR. ALFREDO BARCELLOS

Filho de Paulino Bento Vieira Barcellos e de D. Emilia Carolina de Sousa Barcellos, nasceu o Dr. Alfredo Barcellos na cidade do Rio de Janeiro, no dia 19 de Setembro de 1852.

É irmão do distincto escriptor Dr. José Bento Vieira Barcellos, o primeiro que, em Cantagallo, n'um centro do lavradores, levantou, em 1882, o estandarte do abolicionismo. Irmão do Dr. Barcellos pelo sangue, pelo coração, assim como pelo temperamento civico e patriótico, José Bento falleceu aos 33 annos de idade, como presidente da provincia das Alagoas, governando então o paiz o legendario ministerio Dantas.

Republicano desde os bancos escolares, foi o Dr. Alfredo Barcellos exercer a sua humanitaria profissão medica, durante dez annos, no municipio de Cantagallo, onde por vezes, obedecendo ao influxo de sua indole altamente democratica, tentou fundar com Baptista Laper, Fonseca Lontra e outros, o partido a que se dedicára. Mudando-se para a cidade do Rio de Janeiro em 1886, congregou com fé em si mesmo e no futuro os republicanos

dispersos da parochia da Lagoa, organisando em sua propria casa o celebre Club Republicano da Lagoa, do qual eram membros Werneck, Serzedello, Telles de Menezes, Felipe Meyer e outros cidadãos.

Enthusiasta e amigo de Silva Jardim; afrontou a policia da monarchia ao lado do grande tribuno em quasi todas as suas conferencias.

Tem, como aquelle orador popular, fanatismo pela memoria de Tiradentes, gloriando-se de que um seu antepassado collateral, o conego Luiz Bento Vieira, tenha feito parte dos Inconfidentes.

\*

Não se apresentou candidato á Intendencia Municipal; os seus amigos, que lhe admiravam a estatura moral e lhe apreciavam o character sem jaça, impuseram a sua candidatura, que elle, por obediencia a impulsos tão nobres e espontaneos, com sacrificio aceitou.

No desempenho de seu mandato tem se conduzido pelo caminho rectilneo do dever e do patriotismo; tem sido propugnador da causa do ensino profissional e de outras que se filiam á verdadeira democracia liberal da instrucção popular. Tem em tal apreço as doutrinas pedagogicas modernas, e em tal valia a rectidão moral, que, collidindo certos actos com o seu modo de pensar, pediu exoneração do logar de presidente do Conselho Municipal, para melhor defender as suas idéas.

\*

Na sua these inaugural, sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e approvada com distincção em 21 de Dezembro de 1875, combate a pena de morte, e procura demonstrar que o dever da sociedade é regenerar o criminoso e não martyrisal-o. Evidenciou a necessidade da fundação de asylos, colonias agricolas, etc., como meio de converter os vagabundos em cidadãos uteis.

Por aqui se vê mais ou menos formulado o diagnostico do futuro, reservado ao joven doutorando que deixava a vida academica laureada para

se integrar aos deveres do cidadão e do medico na esphera social.

\*

Defendeu sempre com independencia franca e convicção transparente a autonomia do Conselho Municipal, resolvendo resignar o logar de presidente, quando vio que este deixava margem a attentar se contra ella; preferio isolar-se no seio da corporação, afim de mais livremente e de modo mais conforme ao seu caracter e intuitos, corresponder á confiança do eleitorado que espontaneamente o havia constituido seu representante nos negocios publicos da municipalidade desta capital.

Depois da memoravel sessão em que elle, n'um admiravel repto, resignou o cargo, foi para este reeleito quasi por unanimidade; mostrou-se, porém, inabalavei na sua resolução.

\*

Foi, embora interinamente, o primeiro prefeito do Districto Federal, e nesse cargo mereceu geraes applausos pela prudencia e tino administrativo que revelou.

Admirador sincero do governo republicano, que é a expressão mais alta do progresso no governo das sociedades, partidario dedicado da governação actual do paiz, porque a julga a unica apta para manter o Brasil unido, cuja possibilidade de esphacelamento é o seu maior temor, é o notavel cidadão de que nos vamos occupando, capaz dos maiores devotamentos e sacrificios. Reune o distincto patriota a mais invejavel nobreza de sentimentos á mais pujante robustez de cerebração.

\*

Quando Moraes e Valle, o sabio chimico, o caracter integerrimo e pouco amigo de tecer encomios, examinou o seu trabalho inaugural, disse-lhe: —O maior elogio que posso fazer á sua these é que o seuhor a escreveu com o cerebro e com o coração.

O Dr. Vinelli fez-lhe as seguintes considerações: —Em geral as theses escriptas pelos doutorandos não passam de fastidiosas compilações, por isso nós, examinadores, limitamo-nos a ler d'ellas quatro a seis paginas; a sua, porém, pinta por tal forma o seu caracter e com côres tão vivas, que a li com o maior prazer do principio até o fim.

\*

Tal é o egregio cidadão, que a uma probidade immaculada, a um talento lucido, a uma honestidade scientifica reune mascula eloquencia, porque é esta animada pela pureza de idéas nobres e pelo mais acendrado patriotismo. Tal é, em rapidos traços, a figura moral do Dr. Alfredo Barcellos.

J.

## CHRONICA FLUMINENSE

A Constituição da Republica, estrepitosamente festejada ha poucos dias pela polvora das fortalezas e navios de guerra, aboliu o recrutamento militar forçado. Mas o Sr. chefe de policia fez como o famoso subdelegado do *Manda quem póde*, e revogou a Constituição! Que diabo! para alguma coisa ha de servir a um homem ser chefe de policia!...

Do alto de sua omnipotencia, o Sr. Bernardino dignou-se declarar que só não seria recrutado quem apresentasse certificado de emprego. Levantemos as mãos para o céu, e não nos descuidemos de trazer connosco um attestado formal e categorico de que não somos, graças a Deus, malandros nem vagabundos, e, por conseguinte, não podemos ir para as fileiras do exercito...

Sim, porque, a julgar pelo modo porque é feito o recrutamento, e pela sorprendente declaração do chefe, só devem ser soldados os pobres diabos que a sociedade repelle... Como tudo isto seria irrisorio, se não fosse profundamente triste!

\* \*

Estou—quem sabe?—em pessimas disposições de espirito... Noutra occasião teria talvez achado graça nesse escandaloso attentado contra a lei fundamental da Republica. Hoje, a propria *Musa alegre* me parece triste...

Recebi um exemplar d'esse livrinho de Braz Patife, trazendo uma honrosa dedicatória, que muito me penhorou.

Não ha duvida que o moço, mal escondido n'aquelle pseudonymo, tem graça, sabe rimar uma velha anecdota com certa facilidade, e será um bom fazedor de versos humoristicos desde que se liberte das chamadas *muletas*; mas no seu livrinho — franqueza! — ha paginas que me desgostam pela natureza do assumpto.

Admitte-se perfeitamente que uma obra seja pornographica, mas a propria pornographia tem os seus limites, e o motivo mais escabroso não exclue, tratado em verso, um grão de poesia. A composição que fecha o volume é repugnante, e, talvez por ser a ultima, deixa, mais do que outras, igualmente ignobeis, uma funda impressão de tristeza.

A musa de Braz Patife será tudo, menos alegre. Não póde haver alegria onde ha máo cheiro...

O poeta prestará bons serviços ás nossas letras desde que renuncie a agradar pelo escandalo, explorando o máo gosto e a toleima de certo publico. Não faça versos obscenos; não os escreva, obscenos ou não, *au jour le jour*; não condescenda com certos jornalistas pouco escrupulosos...

Estes conselhos, não os daria eu, se não reconhecesse que, bem encaminhado, o moço que se

assigna Braz Patife pôde chegar um dia a ser  
alguem.

\*

Uma semana sombria, cheia de más noticias de  
revoluções e conflictos, e, pairando sobre toda esta  
melancolia, a sombra de um grande morto, a som-  
bra de Taine.

A.

### TUA CULPA

Fallo-te em Beatriz, e olhas-me rindo,  
Porém do riso estranho que não falla.  
Julieta, Virginia, Hero, Magdala...  
E nem te moves només taes ouvindo.

Tomo-te as mãos. silencio em toda a sala;  
Oh! que silencio, oh! que silencio infindo!  
Quero-te, e embaraçada vaes fugindo  
Muda... (Consente quem assim se cala).

Sigo-te, corro, alcanço-te, seguro  
Teu corpo; tua mão defende—louca!—  
Os teus labios, tapando-os ao desejo.

E emquanto a tua mão beijar procuro,  
Ella foge evitando. e canta o beijo,  
Rindo de ti, na tua propria bocca.

GUIMARAENS PASSOS.

### COISAS MIUDAS

(CARTA A PAULA NEY)

Caro amigo.— Revelei-lhe uma vez que eu era  
um antiquario ou excentrico, e não um litterato,  
como a muitos parecia. Permitta, todavia, què,  
rompendo o meu silencio, lhe apresente o meu  
amigo Sr. Serapião das Mercês Gordo, rapaz es-  
perançoso e dotado de raro talento artistico e poe-  
tico, o qual só espera um pouco de animação para  
que se torne um dos ornamentos da nossa incipiente  
litteratura.

Devo explicar-lhe porque o levo á sua pre-  
sença.

O Sr. Mercês Gordo é um original; artista, phi-  
losopho, poeta, mas tudo isto por conta propria.  
Se escreve, o faz gordo de grandes ideias; se poe-  
tisa, arrasta-o o estro de trovador profundamente  
commovido. Traz nas suas malas uma concepção  
do mundo, o seu novo testamento; e como codi-

tillos, uma politica, uma rhetorica e uma arte in-  
dustrial de desconhecido molde.

Já vê que não se trata de um João Ninguem.

Nada direi da parte philosophica da obra do  
Sr. Serapião Gordo; o tempo se encarregará de  
apresental-a.

E'-me, porém, difficil resistir á tentação de dar-  
lhe alguns especimens da ductilidade do talento d'esse  
nosso contemporaneo, no que entende com as boas  
e avantajadas lettras.

Contemporaneo, sim... porque é novo, e quanto  
a nós... *heu! Posthume, fugaces labuntur  
anni!* Não sei se você me comprehende. Não te-  
mos forças mais para violentar nem a abbadessa  
da Musa velha, quanto mais soror Victoria.

Aqui, pois, lhe envio quatro pequenas produc-  
ções litterarias do Sr. Gordo, pelas quaes poderá  
avaliar o gráo da sagacidade do seu engenho alti-  
loquo e original.

Verá que elle começa por declarar guerra a todas  
as escolas, e proclamar, *urbe et orbi*, o mais feroz  
individualismo na arte.

Segundo sua doutrina, todo *canon*, em poesia,  
ou em litteratura, produz morte irremissivel. A  
integralisação social não se fará nunca, accrescenta  
elle, como a preconisou A. Comte, pela submissão,  
veneração e outras virtudes correlatas; esta mis-  
são está a cargo do *egotismo*, pela insurreição con-  
tinua do individuo contra o mando, não ao modo  
do bobo do Mauricio Barrès (é elle quem affirmo)  
que « não entende de tudo isto nem meia missa », mas pelo reconhecimento do baralptoton e « gua-  
nagucha quivi ripitodon quorum agusta chorolapsi  
tenque dorinava guaita pissis. »

Descendo, portanto, por esse raio lunar até a  
realidade da vida litteraria, o Sr. Serapião estabe-  
lece verdadeiros preceitos d'arte, para os quaes  
chamo não só á sua attenção, mas tambem a de  
todos quantos se interessam pelo incremento da  
arte do estylo.

Eis alguns desses preceitos :

— « Não ha estylo; ha estylos. O estylo não é  
o homem, mas os homens. »

— « Assim como as plantas se classificam, os  
estylos se reduzem a regras. »

— « Estylo imprevisto é uma asneira. » (Acho  
um tanto forte.)

— « O verdadeiro artista tudo prevê. »

— « Do mesmo modo que o pintor tem na res-  
pectiva palheta todas as côres, o estylista deve ter  
na ponta da penna todas as *maneiras*. » (Penso  
que li isto em mestre Spencer; mas vá, emfim, como  
uma das originalidades do Sr. Serapião.)

— « Não pôde ser considerado perfeito artista  
senão aquelle que tem a faculdade de dar qualquer  
estylo por bocca. »

— « E' necessario aqui a emphase hugoana; zás,  
— põe-se uma emphase, meia emphase, um quarto  
de emphase. No periodo seguinte, torna-se indis-  
pensavel um *sobreagúdo* de Goncourt, fogo, —

ataca-se o *sobreagúdo* na primeira, segunda ou terceira dynamisação. Mais adiante o movimento da ideia exige um requinte symbolico ou decadista, trás,—arruma-se um guizo, dous guizos, tres guizos ou quantos bastem. E assim por diante, *usque ad... vangloriam nostram, nec erubescimus.*»

Por esse modo é facil de notar, e o amigo já o terá feito, que o Sr. Serapião Gordo, não querendo escolas, acaba creando o estylo *kaleidoscopio*.

Em todo caso, esse estylo constitue uma nova modalidade da arte: e, adoptando-o, como m'o demonstrou o Sr. Serapião, poderemos em um artigo de jornal, em um conto, em um folhetim, percorrer todas as escalas, claves e diapasons litterarios, conhecidos e por conhecer.

Li um trabalho seu composto por tal feitio, no qual começando o autor pelo estylo de Viasa e Confucio, depois de um steeple chase atravez de todos os estylos intermedios, veio esborrachar as pontas da Mallat em... que imagina você que seria?... no estylo *jocotó* da litteratura Guayamú!

Isto depois de ter desmanivado Archiloquo, Pindaro, Aristophanes, Juvenal, S. Agostinho, Dante, Boccacio, Shakespeare, Gil Vicente, Camões, (oh! o Camões!)... patati, patatá... e mais este e mais aquelle, e Chateaubriand, e Musset, e Gonçalves Dias, e Castro Alves, e o Lagartixa, e o Sant'Anninha, e o Cae n'agua, e o Madruga, etc. etc.

De theorias, porém, passemos ás obras.

Ali tem você os quatro curiosos trechos de prosa renovata, na fórma prometida.

Eis os titulos desses trabalhos, todos muito curtos e syntheticos, de accordo com o preceito de Edgar Poë, isto é, que uma obra d'arte não deve ser maior do que um sorvete.

— *Exangue!* — especimen de symbolismo romantico;

— *Sicut erat in principio*, — idem de decadismo religioso;

— *Moyisés a tergo*, — nephelibatismo pé de chumbo;

— *Dou-lhe um banho de fumaça*, — conto em estylo *jocotó*.

Regale-se! e boa noite.

Viva!

Rio, 6 de março de 1893.

O licenciado,

COSME VELHO.

No proximo numero serão publicadas as quatro peças do Sr. Serapião Gordo.

## TAINÉ

A França tem sido, nestes ultimos tempos, cruelmente experimentada. Agora, mal se fechára o tumulo de Renan, desaparece, levada tambem pela

morte, a gloriosa e athletica figura do autor do *Ideal na Arte* e das *Origens da França contemporanea*.

A memoria illustre de Taine, o critico, o historiadore, o phisolopho que tão larga parte occupou no movimento litterario d'este seculo e tanta influencia exerceu no espirito moderno, viverá eternamente nos livros que elle deixou, e constituem, póde-se dizer, uma bibliotheca opulenta, de um encyclopedismo assombroso.

COSIMO.

## SONHANDO

Hontem, beijando a flor que tu me déste  
Como lembrança á tua despedida,  
E recordando as phrases que disseste,  
Pensando em ti, adormeci, querida.

Sonhei Fui transportado no meu sonho,  
N'um palanquim real, feito de estrellas,  
A uma ilha de amor—vergel risonho—  
Cheia de flores e de nymphas bellas.

Corriam mil regatos cristallinos,  
—Veios de prata—pela ignota ilha;  
Voavam s aromas peregrinos  
Do sassafraz, da cactus, da baunilha.

Da tarde que morria ao calor brando,  
Na rainaria em flor, os passarinhos  
Suavemente cantavam, preparando  
De verde musgo os venturosos ninhos.

Em cada moita, em cada gruta amena  
Seu canto festival o amor soltava.  
Gemia a brisa languida e serena,  
—Parecia cantar; tudo cantava.

As borboletas iam em cardumes  
Aos vergeis, como um bando de crianças;  
Em tudo as mãos dos invisiveis Numes  
Semeavam perfumes e esperanças.

Quando eu cheguei no palanquim doirado,  
Cobriram-me de flores as formosas  
Nymphas; e com um sorriso enamorado  
Rodearam-me todas pressurosas.

Eu era um deus no meio dellas; tinha  
Nesse instante um orgulho sobrehumano;  
Não pensava que um sonho me sustinha,  
Um sonho de illusões, todo de engano.

Mas, no meio das nymphas, de repente,  
Como rainha, appareceste, pura,  
E todas com fervor num canto ardente  
Celebraram a tua formosura.

Trazias-me na mão, num gesto brando,  
Presa nos dedos uma flor, querida:  
A mesma flor que adormeci beijando,  
Como lembrança á tua despedida.

BERNARDO DE OLIVEIRA.



DR. ALFREDO BARCELLOS



## A COSINHEIRA

## I

Araujo entrou em casa alegre como um passarinho. Atravessou o corredor cantarolando a *Mascotte*, penetrou na sala de jantar, e atirou para cima do aparador de *vieux-chêne* um grande embrulho quadrado; mas de repente deixou de cantarolar e ficou muito serio: a mesa não estava posta! Consultou o relógio: eram cinco e meia.

— Então que isto? São estas horas e a mesa ainda neste estado! — Maricas!

Maricas entrou, arrastando lentamente um elegante *peignoir* de seda.

Araujo deu-lhe o beijo conjugal, que ha tres annos estalava todos os dias á mesma hora, invariavelmente — e interpelou-a:

— Então o jantar?

— Pois sim, espera por elle!

— Alguma novidade?

— A Josepha tomou um pileque onça, e foi-se embora sem ao menos deitar as panelas no fogo!

Araujo cahio aniquilado na cadeira de balanço. Já tardava! A Josepha servia-os ha dous mezes, e as outras cosinheiras não tinham lá parado nem oito dias!

— Diabo! dizia elle irritadissimo; diabo!...

E lembrava-se da terrivel estopada que o esperava no dia seguinte: agarrar no *Jornal do Commercio*, metter-se n'um tilbury, e subir cincoenta escadas á procura de uma cosinheira!

Ainda da ultima vez tinha sido um verdadeiro inferno! — Papapá! — Quem bate? — Foi aqui que annunciaram uma cosinheira? — Foi, mas já está alugada. — Repetio-se esta scena um ror de vezes!

— Vae a uma agencia, aconselhou Maricas.

— Ora muito obrigado! — bem sabes o que temos soffrido com as taes agencias. Não ha nada peor.

E enquanto Araujo, muito contrariado, tamborilava com os dedos sobre o espaldar da cadeira e dava pequenos estalidos de lingua, Maricas abria o embrulho que elle ao entrar deixára sobre o aparador.

— Oh, como é lindo! exclamou ella, extasiada diante de um magnifico chapéo de palha, com muitas fitas e muitas flores. Ha de me ficar muito bem. Decididamente és um homem de gosto!

E, sentando-se no collo de Araujo, agradecia-lhe com beijos e caricias o inesperado mimo. Elle deixava-se beijar friamente, repetindo sempre:

— Diabo! diabo!...

— Não te amofines assim por causa de uma cosinheira.

— Dizes isso porque não és tu que vaes correr a via sacra á procura de outra.

— Se queres, irei; não me custa.

— Não! Deus me livre de dar-te essa massada. Irei eu mesmo.

E beijou-a.

Ergueram-se ambos. Elle parecia agora mais resignado, e disse:

— Ora adeus! vamos jantar n'um hotel!

— Apoiado! Em qual ha de ser?

— No Daury. E' o que está mais perto. Ir agora até á cidade seria uma grande massada.

— Está dito: vamos ao Daury.

— Vae te vestir.

A's oito horas da noite Araujo e Maricas voltaram do Daury perfeitamente jantados e pozeram-se á fresca.

Ella mandou illuminar a sala, e foi para o piano assassinar miseravelmente a marcha da *Aida*; elle, deitado n'um soberbo divan estofado, saboreando o seu Rendueles, contemplava uma finissima gravura de Goupil, que enfeitava a parede fronteira, e lembrava-se do dinheirão que tinha gasto para mobiliar e ornar aquelle bonito chalet da rua do Matoso.

A's dez horas recolheram-se ambos. Largo e sumptuoso leito de jacarandá e páo-rosa, sob um docel de seda, entre cortinas de renda, offerecia-lhes o ineffavel conchego das suas colchas adamacadas.

A' primeira pancada da meia-noite, Araujo ergueu-se de um salto, obedecendo a um movimento instinctivo. Vestio-se, poz o chapéo, deu um beijo de despedida em Maricas, que dormia profundamente, e sahio de casa com mil cuidados para não despertal-a.

A uns cincoento passos do chalet, dissimulado na sombra, estava um homem que veio se aproximando á medida que o dono da casa se afastava...

Quando o som dos passos de Araujo se perdeu de todo no silencio e o seu vulto desapareceu na escuridão da noite, o outro tirou uma chave do bolso, abriu a porta do chalet, e entrou...

Na occasião em que elle se voltava para fechar a porta, a luz do lampeão fronteiro bateu-lhe em cheio no rosto; se alguém houvesse defronte, veria no mysterioso noctivago um formoso rapaz de vinte e tantos annos.

Entretanto, Araujo desceu a rua Mariz e Barros, subio a de São Christovam, e um quarto de hora depois entrava n'uma casinha de apparencia pobre.

## II

Dormiam as crianças, mas dona Ernestina de Araujo ainda estava acordada.

O esposo deu-lhe o beijo convencional, um beijo apressado, que tinha uma tradição de quinze annos, e começou a despir-se para deitar-se. Araujo levava grande parte da vida a mudar de roupa.

— Venho achar-te acordada: isto é novidade!

— E' novidade, é. A Jacintha deu-lhe hoje para embebedar-se, e sahio sem apromptar o jantar. Fiquei em casa sosinha com as crianças.

— Oh, senhor! é sina minha andar atraz de cosinheiras!

— Não te affijas: eu mesma irei amanha procurar outra.

— Naturalmente, pois se não fores, nem eu, que não estou para massadas!

Depois que o marido se deitou, dona Ernestina, timidamente:

— E o meu chapéo? perguntou; compraste-o?

— Que chapéo?

— O chapéo que te pedi.

— Ah! já me não lembrava... Daqui a uns dias!... Ando muito arreventado...

— E' que o outro já está tão velho...

— Vae-te arranjando com elle, e tem paciencia...

Depois, depois...

— Bom... quando poderes.

E adormeceram.

Logo pela manhan a pobre senhora poz o seu chapéo velho e sahio por um lado, enquanto o marido sah.a por outro, ambos á procura de cosinheira.

Os pequenos ficaram na escola.

Os rendimentos de Araujo davam-lhe para sustentar aquellas duas casas. Elle almoçava com a mulher e jantava com a amante. Ficava até a meia-noite em casa desta, e entrava de madrugada para o lar domestico.

A amante vivia n'um bonito chalet; a familia morava n'uma velha casinha arruinada e suja. Na casa da mão esquerda havia o luxo, o conforto, o bem-estar; na casa da mão direita reinava a mais severa economia. Alli os guardanapos eram de linho; aqui os lençóes eram de algodão. Na rua do Mattoso havia sempre o superfluo: na rua de São Christovam muitas vezes faltava o necessario.

Araujo promptamente arranhou cosinheira para a rua do Mattoso, e á meia-noite encontrou a esposa muita satisfeita:

— Queres saber, Araujo?! Dei no vinte! Achei uma excellente cosinheira!

— Serio?

— Que jantar esplendido! Ha muito tempo não comia tão bem! Esta não me sae mais de casa!

Pela manhan, a nova cosinheira veio trazer o café para o patrão, que se achava ainda recolhido, lendo a *Gazeta*. A senhora estava no banho; os meninos tinham ido para a escola.

— Eh! eh! meu amo, é voçumcê que é dono da casa?

Araujo levantou os olhos; era a Josepha, a cosinheira que tinha estado em casa de Maricas.

— Cala-te, diabo! Não digas aqui que me conheces!

— Sim, sinhô.

— Com que então tomaste ante-hontem um pileque onça e nos deixaste sem jantar, heim?

— Mentira só, meu amo; Josepha nunca tomou pileque. Minh'ama foi que me botou p'ra fóra!

— Ora essa! Por que?

— Ella me xingou pru via das compra, e eu ameaçou ella de dizê tudo a voçumcê.

— Tudo que?

— A historia do estudante que entra em casa á meia-noite quando voçumcê sae.

— Cala-te! disse vivamente Araujo, ouvindo os passos de dona Ernestina, que voltava do banho.

O nosso heróe promptamente se convenceu de que a Josepha lhe havia dito a verdade. Em poucos dias desembaraçou-se da amante, deu melhor casa á mulher e aos filhos, começou a jantar em familia, e hoje não sae á noite sem dona Ernestina. Tomou juiso e vergonha.

ARTHUR AZEVEDO.

## BEXIGOSA

Olhos que a vissem viam-se captivos  
Do niveo rosto que ella possuia.  
Astros da noite de fulgores vivos,  
Flores que encheis o mundo de ambrosia,

Vistes então olhares mil esquivos,  
Que ella só para todos existia.  
Quantos não vivem hoje pensativos,  
Vendo-a tão cheia de melancolia!

Magoada flor de neve—o rosto d'ella  
Eu vejo raras vezes á janella,  
Réceioso, tristonho, amargurado.

Cortaram-lhe os cabellos, e o seu rosto  
Apparece tão cheio de desgosto,  
Todo de cicatrizes salpicado.

ARTHUR MENDES.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

### IV

(Continuação)

— Que o organismo de Dolores é um organismo doentio na realidade e na apparencia bom. O de pauperamento de forças de que foi victima o pae,



quando se dava aos excessos alcoolicos, plantou a garra no physico d'essa mulher. E' extremamente nervosa, irritavel, talvez. Quem me diz que a amamentação não inoculou em Carmen um parasitario capaz de minar-lhe o organismo e por consequencia de modificar-lhe o character?

— Visionario!... mil vezes visionario!

— Visionario ou não, tudo isto prova o amor que sinto pela filha.

— Em todo o caso, raciocinando, não se poderá tambem affirmar que o casamento de Dolores com um medico de boa organização physica e de bons costumes, modificou effeitos que, por ventura, resultassem da hereditariedade?

— Bem dito. Concordo.

— E ainda mais: quando mesmo, segundo as tuas illusões scientificas, o character de Carmen fosse influenciado por uma amamentação mal cabida, a educação moral operaria a reacção salvadora.

— A educação moral, que scientificamente fallando póde ser intitulada a educação cerebral, obtem verdadeiros triumphos, e verdade é confessar que me uno aos teus raciocinios. O teu bom senso venceu as minhas divagações academicas. Todavia, garantes a educação moral de Carmen?

— Garanto não só a moral, como tambem a intellectual. Eu me explico.

— Muito bem; mas antes de o fazeres, lembrete de que se approxima a hora digestiva e que já nos vae fazendo falta o nosso classico calice de *chartreuse*.

E acompanhando com o gesto a palavra, Lucio bateu ao de leve com o castão da bengala sobre o marmore da mesa e pediu ao criado o licor e dous calices. E accrescentou, a meia voz, fallando com Carrero:

— Continua, que tudo isso me interessa. Sou homem pratico; sou como o militar em campanha: gosto de conhecer o terreno que piso.

— Dolores, como te disse, deu-se inteira aos cuidados maternos. Fazia projectos; sonhava com pompas e grandezas. O marido não tinha mãos a medir, era medico de grande talento e pratica, a sua clinica estendia-se por todos os bairros. Chamava-se Perez, e a gente já o tratava nesta intimidade sympatica a que sujeitamos todos os individuos de talento, cujo character honesto e desprezencioso os faz populares. Já se não ouvia dizer o *Dr. Perez*: chamavam-n'o seccamente o *Perez*. Todos comprehendiam. Dolores, por isto, sonhava com um futuro de rosas. Aos cinco annos, Carmen já dizia uma collecção de phrases especiaes que os paes, que são os verdadeiros philologos da infancia, traduziam, sorrindo com orgulho. Desde criança, Carmen denunciava a grande belleza que a idade adulta hoje justifica. Os grandes olhos tinham o feitiço malicioso; e Dolores, mil vezes, abraçando a filhinha, exclamava ao tempo que olhava para os moços presentes: — « Ah! se Carmen tivesse quinze annos, com estes olhos preciosos... nenhum

dos senhores se retiraria tão cedo de minha casa. » Depois, como quem se queria applaudir, tomava-se de um movimento convulso e cingia nos braços, fortemente, o corpo da menina. E a criança, sem comprehender o riso dos circumstantes nem os desabaços da mãe, sorria, arregalando os grandes olhos e conchegando-se, mais e mais, ao collo de Dolores. Então, um dos cavalheiros, curvando-se com elegancia e como que para approximar a voz, interrogava a criança: — « E' verdade o que diz Dolores? » A menina oscillava com a cabeça em signal affirmativo. Todos riam. A mãe repetia o abraço e murmurava entre dous suspiros: — Que esperta! ..

— Bom! estes eram os sonhos. Deixemol-os e vamos á realidade.

Carrero ageitou-se na cadeira, debruçou-se sobre a mesa, entrelaçou os dedos e continuou no mesmo tom de voz depois de immergir no *chartreuse* os labios:

— Em verdade que eram os sonhos. O Dr. Perez, porém, foi-se, um bello dia, para o grande valle com escala pelo purgatorio.

— A terra lhe seja leve.

— Dolores enviuvou como poderia enviubar uma leôa. Rugio de desgosto e desespero; e, durante mezes, a vizinhança queixou-se de ouvir lamentos profundos até altas horas da noite. E' bem possivel que para isso houvesse duas razões poderosas: Dolores ficava viuva e pauperrima. A principio, as saudades mortificaram-n'a; depois, a necessidade e o estomago dominaram-lhe o espirito. De modo que todo o meu raciocinio explicava perfeitamente a dupla phase do sentimentalismo e do sentimento da viuvinha: Quando o dinheiro lhe faltava, suspirava... pela clinica do marido; quando se remediava a necessidade de momento, chorava pelo esposo, isto é, de dia suspirava, á noite chorava.

E Lucio, sem interromper o amigo, coifou elegantemente o bigode, como quem queria dissimular um sorriso de malicia e velhacaria.

— Mas... — continuou Carrero, a sorrir e a comprehender o gesto do amigo — essa viuvez não foi longa. No fim de seis mezes, o coronel Blanco havia postado todos os seus esquadrões, á Lovelace *moralisado*, em torno da habitação de Dolores. A principio, como deves comprehender e concordar, a viuvinha esquivou-se. Que diabo! não era para menos! Perez era moço, robusto, garboso, elegante... um bom marido, emfim, e o coronel appareceu-lhe como uma avalanche, rapido na marcha, e nevado, não pelos ultimos annos de idade que contava, que eram quarenta e tantos, mas por uma bulhenta mocidade de libertino.

— Em todo o caso, um excellente coração!

— Enganas-te: dous excellentes corações.

— Não comprehendo...

— Porque não queres: o coração do homem e o coração da *bolsa*. Ora, já é difficil que uma viuva

resista ao coração de um militar vistoso, quanto mais ao da *bolsa*... quando ha pobreza.

Lucio cantarolou a canção de Béranger: *Le voilà, mon militaire*.

— Precisamente, meu caro: *le voilà, mon militaire*. Dolores afogou as saudades nos dous *corações* do coronel Blanco, e como um era mais recheiado do que o outro, succedeu que o coração da bolsa sobreviveu ao do homem. O coronel hoje está velho, como vês. E' forte, mas d'essa fortaleza de pinheiro secular; a fronda espalha-se pelo espaço, mas a seiva some-se-lhe. As arvores seculares petrificam-se, os homens quando galgam a barreira e levam de vencida a sombra da morte, não se petrificam, mas ossificam-se.

— E' da sciencia: o encephalo soffre a lei da transformação, os auriculos e ventriculos seguem a mesma marcha. Estou persuadido de que Mathusalem foi encontrado, um bello dia, immovel. Tocaram-lhe com um dedo, cahio, examinaram-n'o, era um cadaver feito por inteiro de uma só peça ossificada. Mathusalém ainda hoje viveria, se os ossos lhe não tivessem expulsado... a *alma*.

— O coronel estava condemnado a desconhecer a *doçura* da paternidade; convenceu-se de que Carmen excederia a qualquer pimpolho; que o *céo* (o coronel ainda acreditava, talvez, que o *céo* nos dá filhos) não lhe daria um *baby* mais galante do que a filha que Dolores lhe havia trazido por dote.

— Foi por essa occasião— interrompeu Lucio— que cheguei a conhecer Dolores e Carmen; eu era um criança, e meu pae, sempre muito do peito do coronel Blanco, levava-me, aos domingos, vestido ou de turco ou de marinheiro, apesar dos meus quatorze annos.

— O que era ridiculo !...

— Archi-ridiculo, porque todos quantos me viam, davam-me vaias, á surdina, e escarneciam das minhas pernas sumidas n'umas calças-espantalhos. Emfim o que eu queria era a companhia de Carmen. Dolores beijava-me, e a filha, se me não beijava, porque era um tanto... não muito tímida, deixava-se beijar. Eramos *novios*, como dizemos cá na terra. E tudo isto foi até o tempo em que Carmen completou sete annos, quando então parti para a Europa.

— Pois bem, foi, mais ou menos, d'essa data que principiou a legitima obra do coronel Blanco, a educação de Carmen. A mãe queria esquecê-la, talvez, no collegio; o marido oppoz-se terminantemente; pagou a mestres. A moça foi, a pouco e pouco, tomada de subito entusiasmo. De natureza physica robusta, entregou-se, methodicamente e a expensas da observancia que lhe impunha o padrasto, ao estudo da lingua patria e das estrangeiras. Para resumir. Carmen falla o hespanhol, mas o legitimo hespanhol, sem esses malditos defeitos de pronunciaçãõ, com que orientaes e argentinos, em grande maioria, apunhalam a vernaculidade do idioma; falla o francez, o inglez e o italiano. Ac-

rescenta a tudo isso uma instrucção, se não profunda, ao menos sufficiente para illuminar a intelligência de uma mulher: conhece os elementos das sciencias naturaes.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## THEATROS

Nunca houve no Rio de Janeiro tanta penuria de espectaculos!

A gente, se não se quizer aborrecer ouvindo os hespanhões do Polytheama, ha de recorrer a duas magicas, a *Rosa de diamantes* e o *Filho do Averno*, ou ao *Conde de Monte Christo*. E mais nada !...

Na capital dos Estados Unidos do Brasil quem não gosta de jogos e de corridas não póde absolutamente divertir-se...

\*

No meio d'esta penuria, uma nota triste: o fallecimento do actor Porto, do theatro das Variedades:

X. Y. Z.

Com o titulo a *Buenadicha, ou arte de ler o futuro nas linhas das mãos*, acaba de publicar o nosso distincto collega Borja Reis, do *Figaro*, um interessante folheto extrahido do *Tratado methodico de sciencia occulta*, de Papus, pseudonymo de um medico francez, o Dr. Geraldo Encausse, muito dado a estudos de telepathia, e contimador de Desbarolles, um feiticeiro do *boulevard*, amigo intimo de Dumas Filho, que o tomava a serio, e acreditava que elle realmente lesse nas linhas das mãos o futuro dos homens.

Mais curioso que o *Resumo synthetico da chiromancia*, que constitue o folheto, nos parece o magnifico prefacio, escripto e erudito, de Medeiros e Albuquerque. O poeta dos *Peccados* em poucas paginas espreme o seu assumpto.

Este livrinho é editado pelos Srs. Magalhães & C.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por enquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.